

INTRODUÇÃO AO DOSSIÊ A SOCIOLOGIA DE PIERRE BOURDIEU

*Samira Feldman Marzochi**

O presente dossiê, organizado por *Fabiane Cancian* e *Samira Feldman Marzochi*, agrega artigos das áreas de sociologia, antropologia, educação e literatura sobre temas e objetos de pesquisa diversos que tomam por base teórica e metodológica as contribuições conceituais do sociólogo Pierre Bourdieu. O critério de seleção dos artigos foi, portanto, mais que temático ou disciplinar, teórico, metodológico e qualitativo. Os textos aqui reunidos comprovam, em sua totalidade, apreensão significativa dos pressupostos deste autor para o desenvolvimento da pesquisa, análise de dados e exposição dos resultados, além de rica discussão bibliográfica. O dossiê foi dividido por temas em quatro partes: *Biografia*, *Educação*, *Mídia e Teoria*, além das seções *Resenha* e *Tradução*.

Na primeira seção, *Biografia*, Mario Guillermo Massini, em “*La manifestación y después: auto-figuración y mitificación de escritor en Jorge Asís leída en clave bourdieuana*”, busca compreender o processo por meio do qual o escritor Jorge Asís construiu sua autoridade. Massini indaga de que modo alguém que contava com tão poucos capitais (econômicos, culturais, sociais) conseguiu inserir-se no interior do campo literário e se converter em um agente. O autor explica que a trajetória de Asís apenas se tornou possível mediante um projeto posto em marcha desde o seu início como literato e aprimorado ao longo do tempo através das estratégias de “auto-figuração”

* Doutora em Sociologia pelo IFCH/Unicamp.

e “auto-mitificação”. Longe de se apresentar como um “homem de letras canônico”, sua produção e sua trajetória se deram às margens do campo literário, ainda que tenha conquistado uma imagem sólida de literato. Para Massini, a escassez de capitais, especialmente culturais, conduziu Asís a trabalhar uma imagem fictícia de escritor (o “escritor-personagem”), verdadeiramente um “não escritor”. Sua permanência e concomitante distanciamento do campo revelam como sua imagem de “não escritor” corresponde a um modo de ser para Asís. Uma vez que adentra o campo literário e supera os déficits de sua formação cultural, põe em prática a estratégia de auto-mitificação, trabalhando acuradamente em reedições de seus livros, em sua iconografia, e cuidando de sua posição em relação às estruturas do campo. Massini, deste modo, apresenta como principal tema de análise as estratégias heterodoxas ou heréticas de conquista de legitimidade no interior de campos simbólicos. O autor mostra como a figura de Asís se afirma pela heresia quando o indivíduo Asís, por escassez de capitais, não poderia realmente concorrer por autoridade literária com as grandes referências da literatura argentina. Demonstra também que o projeto de ascensão, mesmo pela heterodoxia, apenas se torna viável quando são bem conhecidas as regras do campo, isto é, quando se incorpora um *habitus*. Por outro lado, Massini nos faz pensar: se a heterodoxia é uma estratégia legítima, e se a construção de legitimidade social é sempre uma “ficção bem fundamentada nas coisas”, como diria Bourdieu, por que Jorge Asís seria menos escritor que os outros?

Igor Cavallini Johansen, em “Proibida a entrada: Campo social, *habitus* e estilo de vida das ‘famílias quatrocentonas brasileiras’ à luz da teoria de Pierre Bourdieu”, tem por objetivo analisar o processo de busca de ascensão social de “Madame X, brasileira que, após conquistar sucesso econômico, almeja ser aceita no seletivo grupo das elites paulistanas, especialmente as tradicionais ‘famílias quatrocentonas’, encontrando nesse empreendimento barreiras que vão além daquilo que seu dinheiro pode comprar”. Johansen, neste artigo, distingue claramente dois tipos de ascensão: a “social” que compreende mais que o mero enriquecimento e corresponde, sobretudo, à assimilação de códigos de distinção (nem todos ligados à esfera do consumo), e a ascensão puramente “econômica” experimentada por Madame X. Para

ela, é difícil aceitar a noção segundo a qual o dinheiro não é um valor absoluto para os “ricos”, fato que revela a situação de pobreza cultural, não tanto material, em que forjou seu *habitus* de classe. O texto de Johansen está em sintonia com as críticas contemporâneas às políticas de estímulo ao consumo que se ancoram na conservação da ignorância quanto aos valores culturais distintos da lógica econômica. A figura de Madame X, como retrato do Brasil de hoje, ajuda-nos a perceber um país que cresce economicamente sem um investimento proporcional na educação pública, e nos mostra que a educação não pode ser tratada como mais um artigo de consumo tal como sugerem as muitas possibilidades de compra de diplomas por parcelamento. O artigo suscita, portanto, questões relevantes que podem orientar novas pesquisas: quem são as elites culturais do Brasil contemporâneo? Qual a relação entre elas e o capital econômico?

Na segunda parte, *Educação*, Livia Lara da Cruz, em “Formação docente e gosto pelas artes: possibilidades de compreensão”, analisa as relações entre a formação cultural dos professores do ensino fundamental II e médio da rede estadual de São Paulo, e sua percepção das potencialidades educativas dos museus de arte. A autora questiona “em que medida a formação cultural dos professores pode ou não determinar uma relação mais fértil com os museus de arte” e conclui que “a mera divulgação da obra de um artista ou de um museu de arte dificilmente é enriquecedora por si só”. A integração ao imenso universo cultural exige condições objetivas para que se realize, uma vez que o interesse pela arte não é natural, inato: “nasce de um convívio prolongado e não de um golpe repentino” (Bourdieu, 1997, p. 90 *apud* Cruz). Cruz demonstra que a disposição estética não é algo universal, mas se enraíza em condições particulares de existência. Ela observa que as deficiências da formação docente apontadas pelos que trabalham em museus são atribuídas às características supostamente pessoais do professor, como “acomodação”, “resistência”, “falta de vontade de mudar”. É desprezada a dimensão social que limita as possibilidades de aquisição do conhecimento necessário para o pleno exercício da função docente, como a formação regular de qualidade, um salário capaz de garantir o consumo da cultura valorizada (literatura, teatro, cinema, por exemplo) e estímulos à busca constante do desenvolvimento

profissional. Com este artigo, a autora contribui para a reflexão sobre as políticas públicas de educação em São Paulo, ao mesmo tempo em que denuncia, de forma indireta, um paradoxo: o provincianismo cultural no estado mais rico do Brasil.

Na terceira seção, *Mídia*, Juliana Closes Miraldi, em “Fotos de família: a construção da auto-imagem em diferentes grupos sociais na região de Campinas”, investiga, em uma perspectiva comparativa, “a construção da auto-imagem em diferentes grupos sociais, procurando entender como as percepções de si mesmo e dos outros se configuram em ferramentas para a elaboração de fronteiras sociais que orientam a dinâmica das interações”. A autora selecionou cinco famílias, habitantes do distrito de Barão Geraldo (vizinho à Cidade Universitária que compreende a Unicamp), radicadas há pelo menos três gerações. A partir da interpretação visual, Miraldi buscou desvendar como os registros fotográficos, tomados à semelhança de “sociogramas”, poderiam revelar uma determinada maneira de apreensão do mundo, de produção e reprodução de ações e pensamentos. Ela conclui que os diferentes usos sociais e significados atribuídos à fotografia em cada família revelam os papéis e as posições sociais que as famílias e seus membros ocupam, bem como os laços que estabelecem. Conclui, também, que o surgimento da câmera digital, a produção de um excedente de imagens e a sua distribuição em *sites* de relacionamento, contribuem para que estas famílias se submetam a uma reelaboração de sua auto-imagem e dos modos de se relacionar com o mundo. Segundo Bourdieu, a fotografia é uma “técnica de escolha e de classificação do passado”, uma vez que “a leitura de uma fotografia corresponde sempre à percepção de uma intenção consciente, mesmo que esta intenção não tenha sido conscientemente concebida” (Bourdieu, 1965, p.294 *apud* Miraldi). Miraldi lança, desta forma, elementos teóricos e empíricos para uma sociologia dos campos simbólicos e estruturas sociais com base em imagens fotográficas que os agentes produzem de si mesmos em contextos sociais distintos. No lugar das identidades como “focos virtuais” (de acordo com Lévi-Strauss), estariam os focos digitais ou analógicos que os indivíduos projetam sobre si a partir de possibilidades objetivas: econômicas, sociais, culturais, bem como tecnológicas.

Rodrigo Gomes Lobo, em “Do que riem os jornalistas? Autonomia e heteronomia no jornalismo brasileiro contemporâneo”, tem como objeto de análise heurística o “riso” de uma plateia de jornalistas neófitos em uma palestra conduzida por uma jornalista estabelecida. Através da etnografia de um curso de jornalismo oferecido por uma empresa paulistana que atua com foco no jornalismo impresso, Lobo estuda o processo de socialização de novatos no jornalismo diário empresarial paulistano contemporâneo. O autor observa que “o processo de socialização ao ambiente de trabalho no jornalismo é contíguo à extensa jornada da profissão que, muitas vezes, ultrapassa doze horas diárias, mesmo em cargos de alto prestígio”. A produção de informações se orienta conforme um ritual diário em que saberes, crenças e práticas do campo são apreendidos e incorporados lentamente como um *habitus* que compreende, neste caso, as formas de redação de um texto, os critérios de relevância e seleção dos fatos jornalísticos, e mesmo a postura corporal em situações de interação. O principal atrativo dos cursos é a oportunidade de travar contato com jornalistas localizados nas posições de maior prestígio do campo jornalístico, como editores, colunistas e correspondentes internacionais consagrados. Lobo demonstra que são os jornalistas situados em “posições hierarquicamente superiores na empresa que definem o que seja o jornalismo”. Em outras palavras, os agentes localizados em posições privilegiadas no campo simbólico do jornalismo paulistano estão autorizados a reproduzir e transmitir aos neófitos a definição legítima da realidade do campo: sua hierarquia própria, suas regras de ação e objetos de interesse – “visão de mundo” que estrutura o campo e constitui, ao mesmo tempo, um *habitus*. A originalidade deste artigo está em apresentar o “riso” como um vão fenomenológico de suspensão das crenças que, ao invés de proporcionar uma ruptura heterodoxa com a ordem estabelecida, reafirma-a com mais força no sentido de sua crescente autonomia e especialização. As risadas nada mais seriam que manifestações “espontâneas” capazes de expressar o momento de pleno encaixe entre a subjetividade dos neófitos e as estruturas coercitivas do campo social.

Mariana Barreto, em “*Majors* e hegemonia no mercado fonográfico brasileiro”, analisa a dinâmica das gravadoras transnacionais que operam no mercado fonográfico nacional a partir do estabelecimento do CD (disco

compacto) como suporte padrão para a reprodução e comercialização musical. A autora parte da hipótese de que em tempos de globalização da economia e mundialização da cultura, o mercado fonográfico se comporta e modula de modo particular, exigindo a investigação das características estruturais das transformações recentes do modo de produção fonográfica e das práticas dos diferentes agentes sociais em disputa neste campo simbólico. Barreto demonstra que as *majors* (grandes gravadoras comerciais) operam em uma “nova formação social onde se engajam diferentes agentes dotados de recursos específicos que contribuem para impor modificações em seu funcionamento”, mas, sempre, a partir de posições privilegiadas. Estas posições desiguais são determinadas pelos capitais financeiros transnacionais, pela convergência entre produtos e pela distribuição desigual de recursos simbólicos no campo fonográfico, nacional e mundial. A nova dinâmica da indústria fonográfica, longe de expressar democracia ou liberdade, articula novas formas de dominação cultural. O conjunto de pressupostos, noções e conceitos de Bourdieu são, deste modo, aplicados a objetos não tradicionais do campo artístico (a indústria e o mercado fonográficos) entendidos como subcampos onde a busca de distinção se diferencia daquela encontrada no campo da música erudita, da literatura ou das artes plásticas. Ao tratar de indústrias e mercados internacionais da música, Barreto sugere o encontro original entre os conceitos de *campo simbólico* e *territorialidades mundializadas* para a análise das grandes gravadoras.

Ana Gabriela Abán, em “La dinámica del campo del cine argentino a mediados de los noventa: Lucrecia Martel y los signos de una renovación”, tem como propósito analisar a dinâmica do campo do cinema argentino de meados da década de 1990 tomando como referência a “teoria dos campos” de Pierre Bourdieu. Abán introduz sua análise lembrando que a década de 1990, na Argentina, trouxe uma série de transformações políticas, sociais e econômicas incidentes em diversos âmbitos da cultura, incluindo-se os modos de pensar e fazer cinema. Surge, então, uma nova camada de diretores cujas realizações dão lugar ao Novo Cinema Argentino (NCA). Para Abán, a noção de *campo artístico* de Pierre Bourdieu permite a análise da dinâmica e do jogo de posições dos diversos agentes envolvidos no cinema argentino deste período,

como cineastas, produtores, instâncias de legitimação como os festivais de cinema, os diversos setores da crítica e também o público. Abán apresenta alguns aspectos da dinâmica do campo cinematográfico argentino ilustrados pela figura da diretora Lucrécia Martel cuja produção condensa, segundo a autora, os signos da renovação da lógica do campo do cinema argentino. Desta maneira, o artigo contribui para a reflexão sobre conceitos fundamentais da obra de Bourdieu, assim como para a construção teórica de um campo simbólico particular – o “Novo Cinema Argentino”.

Na quarta seção, *Teoria*, Júlio Roberto de Souza Pinto, em “O problema da relação estrutura/agência na Teoria Social e a possibilidade de convergência entre Habermas e Bourdieu”, procura demonstrar que Jürgen Habermas e Pierre Bourdieu construíram perspectivas teórico-metodológicas convergentes. Para ambos, as interações e as práticas que se desenrolam em contextos sócio-históricos definidos são concebidas como o *locus* de entrelaçamento entre as dimensões objetivas e subjetivas do universo societário. Souza Pinto destaca a dimensão interacionista e pragmática que o estruturalismo específico de Pierre Bourdieu é capaz de compreender e estimula a imaginação sociológica à interpretação de possíveis interações comunicativas inscritas na *praxiologia* deste autor, mesmo que os *campos simbólicos* tendam a impor aos agentes sociais os objetos de interesse e as regras de ação. Souza Pinto mostra que “tanto a teoria da prática de Bourdieu envolve intersubjetividade, quanto a teoria da ação comunicativa de Habermas envolve práxis”. Este artigo inspira, assim, não apenas os estudos sobre teoria sociológica, como também as pesquisas etnográficas que demandam sensibilidade refinada no olhar sobre os agentes.

Guilherme Seto Monteiro, em “Pierre Bourdieu, Norbert Elias e a dicotomia entre análises externas e leituras internas”, apresenta e discute diferentes propostas de superação da clássica dicotomia entre análises externas e leituras internas de obras de arte, sugeridas nos trabalhos de Pierre Bourdieu (*As regras da arte*) e de Norbert Elias (*Mozart, sociologia de um gênio*). Monteiro explica que as leituras internas teriam como premissa fundamental a autorreferencialidade e a auto-suficiência dos sistemas simbólicos, colocando entre parênteses todo o tipo de alusão a condicionantes históricos, econômicos ou sociais sobre a produção da obra. Nas análises externas, o sentido das

interpretações estaria voltado ao estabelecimento de relações entre a vida social e a produção simbólica pela via do levantamento das características sociais dos indivíduos ou grupos produtores das obras. Estas duas formas de análise, tomadas como pares de oposição, seriam redutoras. A “teoria dos campos” contida em *As regras da arte* de Pierre Bourdieu é, então, apresentada por Monteiro como alternativa a esta dicotomia reducionista. Para o autor, “Bourdieu arranja uma interpretação que encara com potência a missão de superar a dicotomia das perspectivas analíticas sobre as produções culturais”. Ao escolher este tema espinhoso, Monteiro ensina sobre a teoria de Bourdieu, bem como enfrenta, por vias tortas e proíficas, um problema central de sua obra, a saber, a tensão entre subjetividade e objetividade na análise social.

Na seção *Resenha*, Diego Amoedo Martínez, em *El baile de los solteros. La crisis de la sociedad campesina en el Bearne* (Barcelona: Ed Anagrama, 2004), de Pierre Bourdieu, analisa a obra que consiste de uma coletânea de três artigos escritos em três épocas diferentes, – 1960, 1972 e 1989. Conforme Martínez, *Celibato y condición campesina* (1962) ocupa dois terços do livro e resulta do trabalho de campo realizado por Bourdieu entre 1959 e 1961. Em 1972, é publicado *Las estrategias matrimoniales en el sistema de las estrategias de reproducción*, como desdobramento do trabalho anterior e, em 1989, aparece o artigo *Prohibida la reproducción*. A pesquisa que origina este livro se situa em momento posterior à pesquisa realizada entre os Cabila, na Argélia. Trata-se de um trabalho não menos primoroso, fruto de pesquisa etnográfica, de observação participante, da utilização de fotografias, mapas, planos e estatísticas. A obra oferece a possibilidade de uma leitura heurística do processo de construção do arcabouço teórico e conceitual de Bourdieu, além de permitir a apreensão do exercício sociológico e/ou antropológico de distanciamento, de “objetivação do objeto”, necessário especialmente quando se investiga a própria sociedade. Todavia, Martínez observa que, no decorrer da obra, a problemática rompe com o paradigma estrutural fazendo emergir, no segundo texto, o conceito de *habitus*, a noção de estratégia e uma realidade dinâmica em detrimento da “regra”, da “estrutura” e do “sistema”. Para Martínez, “a obra aqui resenhada demonstra a trajetória de um pesquisador que esteve sempre em formação, no sentido de que em uma mesma publicação é possível vê-lo,

primeiramente, etnografando, experimentando e, depois, nos outros dois artigos, amadurecendo, teorizando e burilando questões”. Esta resenha colabora, portanto, para a percepção da inflexão fundamental no trabalho de Bourdieu. O ano de 1968 teria sido o marco temporal da mudança teórico-metodológica da obra que privilegiará, a partir daí, a análise das estratégias em detrimento das regras.

Na última parte, *Tradução*, Juliana Miraldi e Danilo Arnaut traduzem do francês o artigo “Sobre a Ciência do Estado” de Pierre Bourdieu, Oliver Christin e Pierre-Étienne Will, publicado originalmente na revista *Actes de la recherche en sciences sociales* (vol. 133, Juin 2000. pp. 3-11), com o título “Sur la science de l’État”. Os autores do artigo consideram uma ilusão historiográfica “a interpretação teleológica que descreve a emergência do Estado como um processo ininterrupto de ‘modernização’”, racionalização e secularização, obedecendo a uma espécie de tendência natural. A historiografia nacionalista do século XIX teria feito do Estado-nação a forma acabada da história do Estado, sem levar em conta as constantes mudanças estimuladas pelas disputas de poder e legitimidade que caracterizam o campo político: “um espaço de jogo relativamente independente das forças econômicas e sociais, no qual os agentes nas origens, nas trajetórias, nos interesses, nos capitais (escolares principalmente) e nas competências, heterogêneas e frequentemente contraditórias, ao menos em parte se encontram e se afrontam para a própria definição da coisa pública e do serviço do Estado”. Para os autores, “a história da construção do Estado (seja da monarquia francesa ou do império chinês) não pode ser separada da história dos conflitos entre os atores que contrapõem a representação do que deve ser o Estado e o serviço da coisa pública”. Trata-se, portanto, de um texto fundamental para orientar investigações dedicadas a identificar mudanças sociológicas e históricas em objetos de pesquisa há muito fixados pelas ciências sociais.

No seu conjunto, o dossiê contribui para a pesquisa acadêmica em ciências sociais ao abordar, de forma original e quase nesta ordem, alguns temas fundamentais da sociologia, tais como: a construção social da realidade, a estratificação social contemporânea, a formação do *habitus*, as instâncias de legitimação cultural, a constituição dos *campos* sociais e, finalmente, a construção do objeto sociológico.